



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LETRAS DA UEPB
CAMPUS-III: OBSERVAÇÃO E REGÊNCIA**

SANDRA DE SOUZA

**GUARABIRA/PB
2018**

SANDRA DE SOUZA

**REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LETRAS DA UEPB
CAMPUS-III: OBSERVAÇÃO E REGÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Letras.

Área de concentração: Linguagem e Ensino

Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719r Souza, Sandra de

Reflexões sobre o estágio supervisionado de Letras da
UEPB Campus-III: observação e regência / Sandra de Souza.
– Guarabira: UEPB, 2018.

25 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
– Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Juarez Nogueira de Lins”.

1. Estágio Supervisionado. 2. Prática Docente 3.
Formação Docente. I.Título.

22.ed. CDD 371.12

SANDRA DE SOUZA

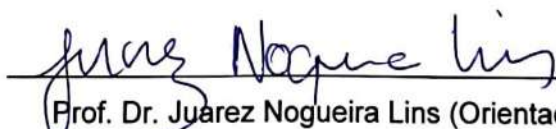
**REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LETRAS DA UEPB
CAMPUS-III: OBSERVAÇÃO E REGÊNCIA**

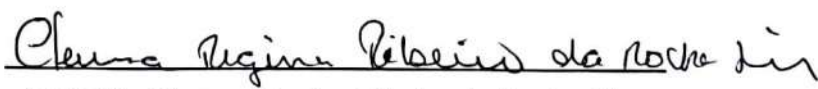
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras.

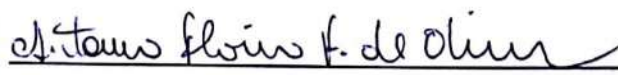
Área de concentração: Linguagem e Ensino

Aprovada em: 29,11,2018

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Juárez Nogueira Lins (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins
Escola de Ensino Superior do Agreste Paraibano (EESAP)


Prof. Ms. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades atendendo meus pedidos em orações.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

Ao meu orientador Dr. Juarez pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções, apoio e incentivos.

Aos meus pais, ao meu esposo e irmãos pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu filho Davi que sempre foi maior motivo de não desistir

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

O estágio não é a hora da prática! É a hora de começar a pensar na condição de professor na perspectiva de eterno aprendiz. É a hora de começar a vislumbrar a formação contínua como elemento de realimentação dessa reflexão (LIMA, 2001. p. 16).

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LETRAS DA UEPB CAMPUS-III: OBSERVAÇÃO E REGÊNCIA

Sandra de Souza¹

RESUMO

Para Pimenta (2010) estágio supervisionado é um instrumento importante de formação inicial, para os licenciandos (as). Uma experiência que articula teoria e prática e contribui para uma melhor compreensão das dificuldades enfrentadas pelos professores das escolas básicas. Mas essa articulação entre teoria e prática nem sempre se efetiva. Assim, objetivou-se trazer algumas reflexões sobre as práticas de estágio supervisionado, vivenciado pelo licenciando (a), durante os quatro anos de formação. O estudo teve como base nos estudos de Pimenta (2010), sobre estágio supervisionado, Antunes (2003, 2014) e Geraldí (1998), sobre ensino de língua portuguesa, entre outros. Metodologicamente, uma pesquisa do tipo qualitativa e documental. Os resultados evidenciaram certo distanciamento entre as problemáticas observadas e as proposições do (a) licenciando (a).

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Teoria. Prática. Reflexões

¹ Aluna de Graduação em Letras - Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email:

ABSTRACT

For Garrido (2010) supervised internship is an important instrument of initial training, for the graduates. An experience that articulates theory and practice and contributes to a better understanding of the difficulties faced by teachers in basic schools. But this articulation between theory and practice is not always effective. Thus, it was aimed to bring some reflections about supervised internship practices, experienced by the student (a), during the four years of training. The study was based on studies by Garrido (2010), supervised internship, Antunes (2003, 2014) and Geraldi (1998), on Portuguese language teaching, among others. And, methodologically, a research of the qualitative and documentary type. The results showed a certain distance between the problems observed and the propositions of the student (a).

Keywords: Supervised Internship. Theory and practice. Reflections.

INTRODUÇÃO

Acredita-se a partir da visão de Garrido (2010), a que o Estágio Supervisionado é um instrumento importante de formação inicial, para os licenciandos (as), em especial, no curso de Letras, do Campus III, onde foi finalizada a graduação. E ainda, que essa experiência, ofereça alguns elementos práticos para ajudar a compreender as dificuldades enfrentadas pelos professores das escolas básicas. Esse percurso se dá através da teorização, na Universidade, e prática, na escola, através da observação da realidade da sala de aula. E, durante a regência, se tem a oportunidade de implementar algumas ações, com base na teoria estudada no curso de formação. Desse modo, no curso de Letras, o licenciando vai estagiar pensando em aplicar à teoria a prática, e assim, contribuir para as mudanças na aula de língua portuguesa.

Entretanto, essa articulação entre teoria e prática, nem sempre é tão simples assim (PIMENTA, 2010), nem sempre a teoria modifica a prática escolar. Desse modo, este artigo objetiva trazer algumas reflexões sobre as práticas de Estágio Supervisionado, vivenciado pelo licenciando (a), durante os quatro anos de formação. Com base nos estudos de Garrido (2010), sobre estágio supervisionado, Antunes (2003) e Geraldi (1998), sobre ensino de língua portuguesa, realizei então, uma pesquisa do tipo qualitativa e documental, haja vista que nossos objetos de estudo foram três documentos: relatórios de estágio de observação e de regência no fundamental II e III. Como procedimento de pesquisa, a leitura dos relatórios de estágio, baixados pela internet e análise.

O texto foi dividido em três tópicos: o primeiro destacando o estágio e as experiências de observação; o segundo, as experiências de regência no ensino fundamental e o terceiro, as experiências de regência, no ensino médio. Práticas realizadas em Escolas Públicas de Guarabira/PB. Após três tópicos, tecemos algumas considerações acerca das relações entre as etapas de Estágio Supervisionado.

1. ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE LETRAS DA UEPB/CAMPUS III

O Estágio Supervisionado é considerado, na visão de Pimenta e Lima (2011), uma práxis pedagógica, pois articula as teorias estudadas durante a graduação com a prática (o campo de estágio, a escola). Vendo-o do ponto de vista legal, em cumprimento a Lei Federal nº 11.788, de 25/09/2008, o Curso de Letras Português da UEPB, Campus III, traz no seu Projeto Político Pedagógico (PPP) o Estágio Supervisionado organizado em 03 (três) disciplinas de 105h, 150h e 150 horas, perfazendo um total de 405 horas a partir do 6º semestre do curso, com ementas que preveem o estágio em língua portuguesa, envolvendo o ensino de gramática, leitura, produção de texto e literatura, como podemos ver no quadro 01:

QUADRO 01- Distribuição do Estágio Supervisionado

NÍVEIS	
Estágio Supervisionado I – 105h	Compreende as observações do ensino de língua portuguesa no Ensino Regular (fundamental e médio) e na Educação de Jovens e adultos (EJA), de Escolas Públicas.
Estágio Supervisionado II – 150h	Compreende a intervenção no Ensino Regular (fundamental) e/ou na Educação de Jovens e Adultos (EJA), de Escolas Públicas.
Estágio supervisionado III – 150h	Compreende a intervenção no Ensino Regular (Médio) e/ou na Educação de Jovens e Adultos (EJA), de Escolas Públicas.

Fonte: Elaborado pela autora 11/2018.

O atual Estágio Supervisionado, antiga prática pedagógica de língua portuguesa é constituído por 405h, destinando 300h, a intervenção na escola básica, ou seja, a regência de aulas de língua portuguesa em todos os seus componentes: gramática, leitura, produção de texto e literatura. O professor de Estágio trabalha

com estes componentes, sem diferenciar, língua de literatura. De modo geral, os estágios objetivam²:

- Observar, analisar e vivenciar a prática docente no **Ensino Fundamental e Médio (Observação)**, no intuito de caracterizar as diferentes competências dos profissionais inseridos no universo formal da educação, de modo a incentivar o estagiário a adquirir os elementos fundamentais para o desempenho de suas funções enquanto profissional de educação.
- Vivenciar a prática docente no **Ensino Fundamental e Médio (Regência)**, no intuito de caracterizar as diferentes competências dos profissionais inseridos no universo formal da educação, de modo a incentivar o estagiário a adquirir os elementos fundamentais para o desempenho de suas funções enquanto futuro profissional de educação.
- Prover as condições e os meios - conhecimentos, métodos, técnicas e organização do ensino - para assegurar ao estagiário a vivência prática do magistério de língua Portuguesa (instruindo o aluno/estagiário a dominar as habilidades de ensino, para empregá-las, adequadamente, no espaço da sala de aula).

Como vemos, se pretende uma inserção do estagiário, na escola campo, com o propósito de conhecer a realidade escolar, refletir sobre essa realidade e, após planejamento, propor uma intervenção (regência de aulas, oficinas). É um período de vivência: o licenciando tem a disposição, elementos básicos para sua formação inicial, na área de língua portuguesa.

No entanto, esse componente curricular enfrenta algumas dificuldades, na prática, na cidade de Guarabira. Poucas escolas para atender duas turmas, todos os anos; dificuldades de aceite, por parte de alguns professores; condições precárias de algumas escolas; poucos alunos realmente interessados em concluir uma licenciatura; dificuldades de acesso às escolas. Dificuldades de articulação entre universidade e escola, entre outros motivos. No próximo tópico, relatos de aulas ministradas na escola e observação/análise.

2. A EXPERIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

Nesta sessão apresentaremos a descrição/análise das aulas de língua portuguesa, observadas e regidas, durante o período de efetivação do Estágio Supervisionado nas escolas básicas de Guarabira/PB. As referidas aulas seguem a seguinte sequência do Estágio: observação nos ensinos fundamental e médio, regência no fundamental e regência no médio.

² Conforme Plano de Curso de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, do Curso de Letras do Campus III, em Guarabira/PB.

2.1 A Observação no Ensino Fundamental

O Estágio de Observação acontece no 6º período do Curso de Letras e é denominado de Estágio I. A Aluna X fez o seguinte relato sobre a observação do ensino fundamental II, conforme consta no relatório de estágio I:

Fragmento 01

[...] No primeiro dia de observação, nos apresentamos, enfatizando sermos alunas do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba(...)

Iniciada a primeira aula, a professora entregou-nos o livro didático, o qual ela trabalhara desde o início do ano letivo. Era uma turma de 7º ano, contendo vinte e nove alunos (presentes), muito agitados, por sinal. A faixa etária da turma variava entre 11 e 14 anos.

A professora deu início a sua aula, prosseguindo com o conteúdo Sujeito/Predicado. De início, ela pediu aos alunos que elaborassem frases com algumas palavras contidas no livro didático, na página, a qual ela citou. Para facilitar a compreensão da turma, a professora escreveu no quadro o esquema contido no livro, da atividade pedida por ela. Explicou os exemplos passo-a-passo. Porém, os alunos sentiam dificuldade para elaborar as frases que se pedia na atividade, apesar dos exemplos do livro, os quais foram explicados no quadro pela professora serem fáceis.

Bem, o que ocorreu neste episódio é aquilo que chamamos de empírico ou tradicional. O aluno sentiu dificuldade porque algo não ficou nitidamente claro para ele, isto é óbvio. Mas, se esse “algo” não ficou esclarecido, é papel do professor é evidenciar aquilo que não ficou nítido para seu alunado, ao invés, de ficar repetindo a mesma coisa inúmeras vezes, como se aquela repetição fosse resolver o problema. [...]

Fonte: Relatório de Estágio de Observação – 2016

Este texto descreve uma prática de ensino de sintaxe, os termos essenciais da oração, sujeito e predicado. O recurso principal, utilizado foi o livro didático, geralmente, o mais presente na sala, quando não é o único. O outro recurso, outra antiga tecnologia, também foi utilizado: o quadro, para ajudar o professor a facilitar o conteúdo trabalhado. Podemos perceber uma metodologia tradicional, ratificada ainda pela fragmentação, ou seja, pelo uso da frase e não texto. Alguns livros didáticos, conforme Rojo (2003), contribuem para o que a autora chama de “trabalho transmissivo” com os conhecimentos linguísticos, no qual a metalinguagem é sempre recorrente. Tem-se o uso convencional do livro didático, que pode ser útil, quando é um instrumento a disposição do professor, mas não o único. No fragmento seguinte outro aspecto chama a atenção: as dificuldades de compreensão dos conteúdos por parte dos alunos.

Fragmento 02

[...] Foi bastante notório, a incompreensão dos alunos de como fazer a atividade, apesar da mesma ser simples e os exemplos serem facilitadores. Mas, o que foi predominante adveio da dificuldade de flexionar os verbos e de concordá-los. Dessa forma, podemos afirmar que a docente foi falha (...) que os alunos não dominavam da maneira que deveriam. Em outras palavras, pode-se afirmar que houve uma negligência na prática pedagógica da profissional.

Nesse caso, seria bastante propícia uma revisão sobre a classe gramatical: Verbos. Desde sua definição, flexão, à sua concordância, etc. Pois, se não houver entendimento, sucessivamente, o aluno não terá bom desempenho. Se o mesmo não sabe como usar, como flexionar um verbo, ele não saberá redigir um texto ou até mesmo uma frase curta (como aconteceu no momento da atividade na sala), nem tão pouco saberá se expressar oralmente, fazendo dessa forma, o uso errôneo da sua língua, tanto falada, quanto escrita.

A professora finaliza a aula entregando as avaliações realizadas na semana anterior. Após feito isto, discute os erros, destacando as notas, as quais foram muito baixas(...) a falta de compromisso e de responsabilidade em estudar para a prova.

(...) A questão foi levantada, porém a solução não será encontrada apenas em um livro didático. O qual está sendo usado erroneamente, repetindo-se paralelamente o que está contido nele. Para se obter bons resultados, o professor deve ir além e não se prender apenas no livro. O professor, deve buscar metodologias que tornem claras as “partes” escuras e desconhecidas de seus alunos. Pseudo-professor, qualquer um consegue ser, mas professor de verdade é aquele que busca aprimorar cada vez mais seus conhecimentos, e se for necessário, terá sempre em mãos todas as letras do alfabeto em seus planos, pois se o plano A não deu certo, algum dos demais darão, tudo isso em prol de um melhor ensino e aprendizagem para seu alunado. [...]

Fonte: Relatório de Estágio de Observação – 2016

A dificuldade aconteceu devido ao desconhecimento de outros conteúdos necessários a aprendizagem do conteúdo em pauta. E some-se a isso a ausência de reflexão sobre a nomenclatura gramatical – sujeito e predicado (ANTUNES, 2003) que corrobora com a dificuldade de compreensão. O resultado desse tipo de ensino surge na avaliação entregue aos alunos, comprovando o baixo nível de aprendizagem. E o resultado foi atribuído à desatenção dos alunos. O estagiário credita, no entanto, ao professor, parte da culpa. Este poderia fazer um melhor uso do livro didático. No fragmento seguinte, segue a mesma rotina: o uso do livro didático e suas propostas que parecem não despertar o interesse dos alunos. A maioria não fez as atividades solicitadas pela professora. Quanto a possibilidade de retomada da classe gramatical “verbos,” não é certo se apenas essa classe explicada teria um sucesso na aprendizagem no assunto atual, visto que os termos essenciais da oração requer conhecimento prévio em outras classes gramaticais, diante dessa falta de domínio antecedente como ficaria o planejamento escolar se a

retomada de tais assuntos que os alunos deveriam ter conhecimento não atrasaria os assuntos anuais, desta forma se pendura uma deficiência no ensino de Língua portuguesa.

Fragmento 03

[...] A segunda aula sucedeu em uma turma de 6º ano, composta por 30 alunos (presentes), com faixa etária que variava entre 10 e 12 anos(...)

Leram o texto atentamente. Após a leitura, discutiram sobre o título, interpretaram o texto, refletindo também sua temática, discutiram as questões da atividade com a professora, e por fim, responderam, sem dúvidas ou dificuldades.

Nesse caso, notamos que os alunos não fizeram a atividade em casa porque não quiseram(...)

A terceira aula foi ministrada na mesma turma da segunda aula. Observamos que, após o intervalo a turma ficou muito inquieta, todos muito barulhentos, extremamente agitados. A professora, no entanto, chama-os a atenção para retomar à aula.

Retomada a aula, a professora finalizou o conteúdo da aula anterior: Interpretação Textual. Inclusive, esclareceu algumas dúvidas e os questionou, para identificar se de fato eles compreenderam o assunto.

Algo que nos chamou atenção, e que foi de grande êxito para o ensino e aprendizagem dos alunos, foi o fato da professora “reciclar” o texto estudado. Ela aproveitou a discussão e partiu para outro assunto: a linguagem do texto. Ela os questionou se eles sabiam que tipo de linguagem foi usada no texto lido: coloquial ou formal. Todos, sem exceção, conseguiram responder corretamente. A partir disso, a professora apresentou-os a definição e a diferença entre uma linguagem e outra, evidenciando com as falas dos personagens do texto, permitindo que, os alunos também, fizessem o mesmo.

E por fim, finalizou a aula entregando a última avaliação realizada, a qual também, abordava Interpretação Textual, assunto este, discutido em toda sua aula. A educadora, ainda apresentou os erros da avaliação, discutindo todas as questões. O resultado da avaliação não foi tão proveitoso quanto a professora esperava, mas também, não foi tão péssimo. Foi razoável [...]

Fonte: Relatório de Estágio de Observação – 2016

Para o estagiário, os alunos não fizeram as atividades do livro em casa, porque não quiseram (fizeram na sala, sem dificuldades), apoiando assim, o professor indignado com a displicência dos discentes. A professora segue em outra aula com a interpretação de texto, atividade comum, nas aulas de LP, segundo as propostas do LD. O estagiário parece apoiar o trabalho docente, observado, mesmo dentro de uma perspectiva tradicional. No LD, embora o foco do ensino-aprendizagem volte-se para a diversidade de textos, que circulam socialmente, como sugerem os PCN (1997), há uma ruptura entre esses textos (gêneros) e a metodologia adotada pelo livro e pelo professor.

Diante o sucesso na aprendizagem é perceptível o domínio em sala do professor para aos conteúdos serem assimilados pelos alunos, a disciplina é fator primordial, a conduta de aluno em sala de aula a partir daí desenvolver as atividades de ensino-aprendizagem, de maneira que garanta a apropriação do saber sistematizado.

Essa e outras problemáticas seguem adiante, no ensino médio, como veremos a seguir.

2.2 A Observação no Ensino Médio

O fragmento abaixo descreve a experiência de observação no Ensino Médio, realizada em uma turma do terceiro ano.

Fragmento 01

[...] Iniciamos o estágio em uma turma de 3º ano, com aproximadamente 40 alunos em sala. Alunos de faixa etária entre 16 e 18 anos. A Sala era cheia, porém, pouco ventilada. Havia três ventiladores, mas, apenas dois funcionavam. De início, a professora nos apresentou como acadêmicas do curso de Letras da UEPB, esclarecendo para os olhares curiosos que estávamos ali para cumprir com a disciplina de Estágio, a qual é obrigatória no curso de licenciatura.

Após nossa apresentação, a professora deu início a aula, abordando o assunto: Produção Textual. Enfatizou na maioria de suas falas que, a produção textual em forma de redação, seria uma das propostas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o qual é um dos meios de entrada para as universidades públicas brasileiras. Contudo, os alunos não se entusiasmaram com o comentário feito pela professora, apenas um, mostrou-se interessado e a questionou quanto a forma correta de redigir uma redação. De imediato, a professora o respondeu, escrevendo no quadro um esquema.

O esquema que a professora elaborou no quadro, limitava as linhas e os parágrafos, dividindo o texto em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. Quando terminou de escrever, ela explicou o que deveria conter em cada parte dividida. Após, feito isto, questionou-os se haviam ficado com dúvidas, a turma respondeu que não. Logo, entregou-os um texto teórico, o qual, segundo ela, facilitaria na elaboração da produção textual.

Era uma turma inquieta (...) se mostravam desinteressados pelo futuro.

Algo que nos chamou atenção foi o desrespeito com a profissional da educação(...) imagina, conter uma mega turma, com alunos altamente inquietos, com um simples, “xiiii...”?

A professora, conclui sua aula dando algumas sugestões para a turma, como leitura, pois através desta, eles teriam mais argumentos para elaborar seus textos. E também, o estudo da gramática, pois o corretor veria que, o aluno sabia se expressar bem, pois fazia o uso correto das classes gramaticais e das palavras da sua língua. E por fim, avisou que na última aula, daquele mesmo dia, daria continuidade com o conteúdo e faria a leitura do texto entregue, com a turma. [...]

Fonte: Relatório de Estágio de Observação – 2016

Na turma observada, a preocupação parece ser a produção de texto com a finalidade de realizar o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. Entretanto, a

turma, na visão do estagiário, não estava muito entusiasmada e, demonstrava desrespeito pelo trabalho docente. Não pareciam sujeitos da proposta de produção textual. Para os PCN (1999) para ser considerado como produtor de textos, o aluno deve ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. É nítido dois problemas na sala de aula: a falta de motivação e controle da turma, ambiente escolar é um espaço rico em interações sociais, portanto a importância da motivação em sala de aula é um grande meio pelo qual se realiza o processo ensino-aprendizagem.

Cabe ao professor facilitar a construção do processo de formação, ter boa relação entre professor e aluno é essencial para um bom rendimento escolar que darão aos alunos espírito de liderança, confiança e motivação, no que dizem, fazem e pensam. No entanto nem sempre com a dinâmica de motivação se integram todos é a partir daí que o professor deve procurar meios junto a direção para estabelecer o controle da turma.

O estagiário segue indignado com a indisciplina dos alunos, sem destacar elementos da metodologia adotada, na aula. Na aula seguinte, novas estratégias didáticas, em planejamento, abrem espaço para a dinâmica da sala de aula, além das posturas mais conservadoras.

Fragmento 02

[...] A segunda aula foi ministrada em uma turma de 2º ano, de faixa etária que variava entre 15 e 17 anos. Havia 48 alunos presentes na aula. Novamente, a sala era quente, com pouca ventilação. A professora, nos apresentou como as estagiárias do curso de Letras, não houveram perguntas, apenas olhares (curiosos).

(...) Visitariam o espaço cultural (JP) e o memorial de Augusto dos Anjos (Sapé). Segundo a professora, tal viagem seria para o enriquecimento da disciplina de Língua Portuguesa.

(...) o Cine-Literatura. Esse projeto entraria a rigor naquele bimestre, a proposta seria trazer os jovens estudantes num período contra turno à escola, para desenvolver atividades de leitura e oralidade sobre a Literatura Brasileira. Os alunos, aparentemente, não gostaram da ideia. Mas, a professora prosseguiu, falando que dividira a sala em equipes, cada componente da equipe escolheria um livro clássico do Romantismo, o qual seria discutido com as outras equipes, no Cine-Literatura. Além dessas discussões, o projeto propôs também, filmes de clássicos da Literatura Brasileira, os quais seriam assistidos pelos alunos e discutidos no final do encontro.

Sobre os projetos criados nas escolas, Geraldi (1946) diz, "se a escola tiver um projeto de leitura, isso pressupõe que ela terá cada vez mais contato com a formas padrão que a escola quer que ele (aluno) aprenda." (2006, p.37).

A professora destacou que, não iria trabalhar com a escrita, apenas com a oralidade, inclusive com as temáticas abordadas nas obras literárias. Deu

continuidade à discussão, escrevendo no quadro, seis sugestões de obras: *A Senhora* de José de Alencar; *Romeu e Julieta* de William Shakespeare; *Memórias de Um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida; *O Seminarista* de Bernardo Guimarães; *Inocência* de Visconde de Taunay; *O Cabeleira* de Franklin Távora. Quanto a sétima sugestão, a própria turma escolheu, *A Culpa é das Estrelas* de John Green. Quanto as seis obras de sua escolha, a professora fez um breve comentário sobre cada uma delas, ressaltando até, que a leitura seria chata, pois a obra era um clássico que foi escrita há séculos (...)

Os alunos não gostaram das sugestões da professora, muito menos, quando ela relatou que se tratava de uma leitura chata. Porém, como a última sugestão caberia à turma, a qual escolheu *A Culpa é das Estrelas* de John Green. A professora, por sua vez, aceitou sem retrucar, apenas comentou que não conhecia o autor, nem a obra. O sinal tocou, afirmando o fim da aula e o início do terceiro horário que se sucederia na mesma turma.

O início da terceira aula foi marcada por muitas conversas paralelas (...) Romantismo. A professora utiliza seu notebook e Datashow para ministrar sua aula. A princípio, ela enfatizou que a turma, naquele bimestre iria apenas, estudar Literatura Brasileira.

Em seguida, apresentou-lhes vários slides, os quais continham dados importantes sobre o Romantismo, a professora exibe um por um, discutindo sobre eles. Entretanto, a minoria mostrava interesse, inclusive, alguns se retiraram, comentando “*assunto chato esse tal de Romantismo, aff...*”. A professora, nem sequer reparou em quem saiu ou deixou de sair, prosseguiu sua aula naturalmente.

Vale ressaltar sobre, um episódio ocorrido durante a aula de Literatura. Para facilitar o entendimento dos alunos acerca das características do Romantismo, a professora contextualizou alguns tópicos dos slides, com as novelas emitidas na emissoras da televisão brasileira. Além de contextualizar um grande movimento artístico, político e filosófico como o Romantismo, com novelas banais. Surgiram, a partir disso, assuntos que fugiam totalmente do conteúdo da aula e que a professora dava sua participação. Em meio a esses fatos, a aula foi interrompida (para alegria dos alunos), devido as infiltrações no teto da sala. Por receio de perda dos equipamentos eletrônicos, a professora achou propício encerrar a aula, faltando três minutos para a conclusão desta. [...].

Fonte: Relatório de Estágio de Observação – 2016

Tendo em vista o conteúdo literário, planejava-se uma visita a Casa de Augusto dos Anjos e a realização do Projeto Cine-Literatura, com os clássicos literários. Tais atividades dinamizam a aula. No entanto, a professora segundo o relato, encontrou dificuldades de trabalhar a leitura dos clássicos. Eis aí, uma das grandes dificuldades do ensino de literatura que segue a tendência do LD. Este, muitas vezes, trata a literatura como historiografia literária. O trabalho com a disciplina se baseia na leitura e na análise de obras, os autores trabalham com uma perspectiva de ensino que dispensa o texto literário em sua totalidade. (LUFT e FISCHER, 2015). Além disso, as atividades que exploram os textos não conduzem à análise da percepção dos recursos de expressão e do uso estético da linguagem. Centram-se nos conteúdos, e não na recriação que deles faz a literatura. Não

despertam a paixão pela literatura, pelo conhecimento literário (LUFT e FISCHER, 2015).

A fala negativa da professora reforçou o desinteresse pelos alunos, além de não apresentar uma aula mais atrativa com metodologia dinamizada assim como não se mostrou introduzida na literatura mais atualizada que os jovens apresentaram mais interessados.

Discutida a observação, passemos à regência de aulas, a intervenção prevista no estágio supervisionado, para articular teoria e prática (PIMENTA, 2011), no ambiente escolar.

3. A EXPERIÊNCIA DE REGÊNCIA EM SALA DE AULA

Nesse momento, observada a prática dos professores da escola básica, inicia-se os relatos das intervenções realizadas (as regências de aulas de língua portuguesa), no ensino fundamental e no ensino médio.

3.1 A Regência no Ensino Fundamental

Apresentamos a seguir, o relato das atividades de regência, no ensino fundamental, na escola-campo.

No dia 14/03/2016, foi dado início ao estágio, onde estagiei com as minhas colegas, na turma de 8º ano, num tempo estimado em 1h/a. A sala comportava um número de alunos bastante pequeno e que se mostrava sempre tranquila e participativa (...). Inicialmente nos apresentamos e começamos a aula, instigando o conhecimento prévio dos alunos, sobre tipos de sujeitos. Após expliquei de forma mais complexa e ao mesmo tempo mais clara com exemplos em frases do cotidiano, também foi mostrado os tipos de verbos (regulares e irregulares) na qual é muito importante esse entendimento para ajudar no assunto de forma geral, em seguida um exercício respondido junto com eles para identificar mais dúvidas caso ocorresse. Houve uma roda de conversa, com muita experiência trocada e uma dinâmica na qual sempre era puxado para o assunto.

E dei sequência no assunto na segunda aula na turma, relacionando a fábula (...) de forma bastante dinâmica e com uma atividade de expressão escrita, onde foi oferecida a cada aluno, uma bola para encherem e soltarem na sala de aula, um com outro e em seguida cada um escolheria uma bola e diria sua frase onde se encontrava dentro da bola e assim todos mostrariam se compreenderam mesmo e tudo de forma divertida.

Segunda turma

Na segunda turma de estágio, na turma do 9º ano, também com uma fábula de motivação bastante interessante “o barco” e em seguida apresentei um cartaz que mostrava um pequeno resumo do assunto “oração coordenada” a professora já havia iniciado por isso dei sequência pedi que os alunos falassem oralmente algumas conjunções conhecida por ele e fui colocando na lousa, dando continuidade pedi que além de falarem algumas conjunções perguntei as mesmas em frases e circulando as mesmas e identificando o nome de cada uma delas e o porque dela ser por exemplo “aditiva” e assim fui ampliando o assunto como por exemplo a diferença entre oração e frase? Oração assindética e sindética e assim por diante.

Dando sequência coloquei várias frases na lousa e eles iam identificando e classificando os tipos de orações coordenadas. E por fim concluí a aula explicando o exercício e os alunos foram respondendo e depois corrigindo oralmente e escrevendo na lousa.

A aula foi bem proveitosa, pois os alunos interagiram com o exercício, tirando suas dúvidas e dando sua opinião sobre as respostas. Resolver as questões com os alunos permitiu aos mesmos o poder da expressão. Esta iniciativa é muito proveitosa no ambiente escolar por ser uma forma de estimular ainda mais as atividades realizadas, conforme o pensamento de Irlandé (1998) quando afirma:

A gramática deveria ser trabalhada com textos, diálogos, debates. Dessa forma, os alunos teriam um entendimento maior da linguagem. Mais que a classificação, é preciso saber a função.

Fonte: Relatório de Estágio de Observação – 2017

Pelo relato do estagiário, notamos que aparentemente, as aulas foram bem sucedidas: exploração do conhecimento prévio do aluno, alusão ao gênero textual, fábula... Mas não há um detalhamento das estratégias didáticas utilizadas. O tratamento dado ao conteúdo gramatical, não nos pareceu ser diferente daquele tratado pela professora observada. Além do uso de questionamentos e cartazes, não foi citado nenhum outro recurso didático, mas a aula, na perspectiva do estagiário, foi “proveitosa” e segue aquilo que Antunes (2003), pontua. Acreditamos, pelo relato, que a aula foi dinâmica, no entanto não é possível afirmar se foi reflexiva, contextualizada, com sugere, também, Antunes (2014).

As aulas de Língua Portuguesa, das turmas do 9º e 8º ano do Ensino Fundamental, são ministradas pela professora X, (Graduada em Letras) que nos permitiu estagiar nessas turmas citadas. No dia 14 de março de 2016, foi dado início ao estágio, onde estagiei na turma do 8º ano, uma turma com um número de alunos bastante pequeno, e em sua maioria, alunos na faixa etária de 17 a 20 anos. A turma tinha 15 alunos, sendo a maior parte do sexo feminino e que se mostrava sempre tranquila e participativa, apesar de identificar alguns tímidos, assim sendo consegui realizar todas as atividades planejadas. Na sala de aula dos 9º precisei

aumentar o tom de voz, pois diferente da primeira, essa era agitada e maior . Diante dessa realidade, idades e níveis de conhecimento totalmente diferenciados, pode-se notar o quanto é importante o posicionamento do professor sobre a sua prática de ensino, levando-o sempre a inovar sua bagagem educacional e buscar a cada dia, mesmo diante da realidade do dia a dia escolar, maneiras criativas de confrontar a falta de recursos, quando não se tem, a indisciplina dos alunos e a escassez de funcionários que trabalham apoiando o docente. De acordo com os propósitos do curso e com minha vida profissional, posso dizer que particularmente o estágio teve uma importância sem tamanho. Mesmo já atuando na área da educação com algumas realidades, porém me vislumbrei com a capacidade de ensinar e aprender ao mesmo tempo.

Fonte: Relatório de Estágio de Observação – 2017

Nesse fragmento do relato, bastante superficial, não foi possível avaliar as práticas, isso é, se elas existiram. Ele se refere a uma turma, ao ambiente, mas não trata de conteúdos, de estratégias ou qualquer elemento pertinente à aula. Discute as dificuldades pertinentes ao ensino, no entanto não descreve a aula. O relato da suposta aula não atende as necessidades de realização do estágio “O estágio supervisionado vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Ele é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional” (BERNARDY e PAZ, 2012, p. 01). Nem tão pouco, da elaboração de um relatório, instrumento de sistematização das atividades que articulam teoria e prática.

No fragmento que se segue, uma atividade que complementa, no caso do Curso de Letras da UEPB, a rotina do estágio supervisionado de Letras.

3.2 A Oficina Didática

A realização de uma oficina didática, ao final das atividades de estágio é previsto na proposta de Estágio Supervisionado do Curso de Letras.

Iniciamos nossa oficina após alguns dias do estágio, na qual fizemos a mesma em uma turma já conhecida (8 ano) e outra não apresentada ainda (9ano). Logo nos apresentamos às turmas e antes de mostrarmos a dinâmica fizemos uma sondagem dos assuntos que estão presentes na dinâmica com o objetivo de identificar se os alunos o compreenderam bem e assim iniciamos falando sobre COESÃO E COERÊNCIA e em seguida explicando a dinâmica que seria com vários dados e cada um teriam palavras: substantivas, adjetivas, artigos, pronomes, entre outros e eles iriam jogar os dados e com as palavras identificadas eles iriam formar frases com sentido (coerência) e com a estrutura correta (coesão). Formamos equipes e fizemos em forma de disputa, foi bem interessante, todos participaram e com isso tiramos duvidas e acrescentamos coisas não ditas ainda de forma bastante lúdica. Em seguida após varias frases formadas por eles mesmos concluímos com um exercício. Ambas as turmas participaram bastante mesmo

apresentando alunos mais agitados, sem respeito com seus colegas e até mesmo com a professora, mas no final tudo deu certo e conseguimos fazer tudo o que foi planejado.

A oficina, dentro da proposta de estágio, seria a coroação, o momento de trazer de forma dinâmica, determinado conteúdo, trabalhado a partir de algumas dificuldades dos alunos³. Pelo relato, esse intento foi alcançado. Foi utilizada uma dinâmica, sem, no entanto, detalhar qual seria. O conteúdo gramatical foi tratado de forma lúdica e, conforme o relato do estagiário obteve ampla participação dos alunos. Tirada a questão lúdica, não nos pareceu ser muito diferente, do ponto de vista metodológico, das aulas ministradas, observadas e regidas.

Passemos agora para o relato da regência no ensino médio, da escola-campo, realizada pelo estagiário de língua portuguesa.

3.3 A Regência no Ensino Médio

Apresentamos a seguir, o relato das atividades de regência, no ensino Médio, na escola-campo.

[...] Dia 17 de fevereiro de 2017 foi a primeira vez que nos encontramos para regência na escola..

Nesta aula, na 1ª série do ensino médio, tinha cerca de 20 alunos na faixa etária entre 15 a 20 anos, sendo a maior parte do sexo masculino, o conteúdo ministrado foi “Leitura e interpretação de texto” (conteúdo este requerido pelo professor regente), selecionei o conto de fadas “Cinderela, dos Irmãos Grimm”, houve bastante debate, aos poucos foram interagindo entre eles, tivemos uma aula bastante participativa, apesar da timidez de alguns deles. Em seguida realizamos exercícios de compreensão textual, onde trabalhamos alguns gêneros textuais, bem como releitura do texto.

Todos os alunos da turma mostraram interesse em todos os assuntos abordados (...) uma metodologia didática de exposição oral do conteúdo e leitura em grupo do texto literário na busca de promover interação e desenvoltura pessoal dos alunos. Ao final da reverberação grupal sobre o assunto pedi-lhes que refletissem mais sobre o texto para revisão na próxima aula.

Segunda regência na escola

O segundo encontro aconteceu no dia 20 de fevereiro de 2017. Dando continuidade à temática da primeira regência buscamos promover uma leitura dos gêneros trazidos por eles, onde todos se mostraram envolvidos com os gêneros e ao contextualizá-lo ao seu cotidiano, se mostram muito envolvidos não apenas com o gênero textual, mas com a percepção de que há necessidade de

³ Conforme manual de estágio supervisionado de Letras.

compreender a conexão entre os eles e também com suas funções sociais, com sua conversa cotidiana, nas redes sociais, entre tantos pontos de contato debatidos durante a aula, nesse dia tratamos da compreensão teórica de Gênero Textual. Na sequência, foi apresentado, de forma sutil, o conteúdo teórico “Tipos Textuais” numa aula onde busquei o prevalectimento da didática e envolvimento geral, onde houve exposição oral da teoria em conjunto com o contexto dos educandos. Em seguida, ao expor a teoria e questiona-los sobre as mais diversas formas de se utilizá-la no cotidiano, os alunos responderam significativamente com mostra de que compreenderam a função social dos gêneros textuais e sua conexão com tipos textuais. Ao final, para influenciar a leitura, distribuimos livros (romances) para todos os discentes da turma.

Terceira regência na escola

Aconteceu no dia 23 de fevereiro de 2017. Nesse encontro, fizemos um resumo geral de tudo que foi visto em sala de aula, de forma mais aprofundada e com mais detalhes para que pudessem compreender melhor o conteúdo. Fiz novamente alguns questionamentos e pude perceber que os alunos havia absorvido bem os conteúdos anteriores. Trabalhamos a metodologia sugerida pelo professor quando conversamos no primeiro encontro, e fizemos o máximo esforço para que desse tudo certo.

A avaliação foi feita de forma continuada e pela oficina, observando o desempenho e desenvolvimento dos alunos na interação durante a aula.

Fonte: Relatório de Estágio de Observação – 2016

Os relatos das três regências trazem poucos dados efetivos sobre as práticas metodológicas utilizadas. De maneira geral, as descrições são superficiais, embora apontem o sucesso da empreitada. Não é possível saber se o LD foi utilizado ou de onde surgiram os textos (gêneros textuais), porque foram escolhidos... Há uma busca pela interação, uso de gêneros textuais, algumas práticas de leitura, de produção de texto e uma menção sobre a avaliação continuada. Não foi possível perceber um planejamento prévio, trazido da UEPB, para aplicar a sala de aula de LP. Enfim, as práticas contextualizadas e reflexivas, recomendadas pelos PCN (1997), pelos trabalhos de Antunes (2014), ainda não se efetivaram, de forma consistente, nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos linguísticos e os PCN, advindos desses estudos buscam minimizar a crise que afeta o ensino de Língua Portuguesa, há muito tempo. Tentativas existem para efetivar esses estudos: capacitações no ensino básico, readequação dos cursos de formação de professores, debates em seminários e congressos. Nas licenciaturas tenta-se articular teoria e a prática, através do estágio supervisionado, com vistas a minimizar as dificuldades do ensino de LP. Todavia, nem sempre, essa articulação se faz possível. Não raras vezes, o estágio repete aquilo que já está posto na escola, sem muitas novidades. As práticas metodológicas, como as relatadas, aparentemente “novidades” não se distanciam das práticas metodológicas, já utilizadas nas escolas e, muitas vezes, criticada pelo estagiário, quando do período de observação. Embora saibamos que há práticas exitosas nas escolas, há também práticas tradicionais que se perpetuam. No caso particular dos relatórios estudados, fica evidente então, certo distanciamento entre as problemáticas observadas durante a realização do estágio e as proposições do (a) licenciando (a) para minimizar tais problemáticas.

Embora os estagiários tenham criticado a metodologia usada pelos professores, classificando-as como tradicional, acabaram praticando as mesmas, porém não se sabe se devido ao planejamento escolar que não poderia mudar, ou as estruturas das escolas que não possibilitaram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Gramática Contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BERNARDY, Katieli; PAZ, Dirce Maria Teixeira **IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES XVII Seminário Institucional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, 2012. <https://home.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia>.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, 1997.

GERALDI, João Wanderley (Org.); ALMEIDA, Milton José de... [et al.]. **O Texto na Sala de Aula**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006.

PIMENTA, Selva Garrido; LIMA, Maria Lucena. **Estágio: diferentes concepções**. In **Estágio e docência**. 5º Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FAZENDA, Ivani (org.). **A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento**. Campinas, São Paulo, 2002.

FAZENDA, Ivani Catarina (org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo, Cortez, 1989.

KLEIMAM, Angela B. Kleiman. **Processos identitários na formação profissional o professor como agente de letramento**. IEL/Unicamp. 2002. P. 75-104.

KRAMER, Márcia Adriana Dias. **Ensino gramatical de língua materna: uma arena de conflitos**. Revista Letra Magna (revista eletrônica). Ano 3. N. 4. 1 de Setembro de 2006.

OWEN, Archie, In: NASSIF, Luiz Alberto de Lima. **O conceito de ciência veiculado por materiais didáticos: uma análise do curso de física do PSSC**. Tese de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1976. p. 20.

LUFT Gabriela Fernanda e FISCHER Luís Augusto. **Literatura, leitura e ensino: o Enem e os impactos das leituras obrigatórias dos exames vestibulares para a formação de leitores**. Contexto (ISSN 2358-9566) Vitória, n. 27, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. **Professor reflexivo: construindo uma crítica**. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2010.

ROJO, Roxane. **O perfil do livro didático de língua portuguesa para o ensino fundamental (5^a a 8^a séries)**. In: ROJO; Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (Org.). Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 2003.